

humanitas

Vol. XXIŽJ J ;;

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA
MCMLXIX-LXX



merecimentos, e muito menos defeitos que a anterior. Leónidas não oferece, apesar de tudo, as dificuldades de Álcman, de Safo, de Alceu, de Íbico, de Anacreonte: principalmente nos epigramas que o poeta italiano seleccionou. Os melhores? Nem todos. Lá faltam, por exemplo, os epigramas 7.173 (morte do pastor)¹, 7.726 (morte da velha Plátis) e 7.736 (elogio da vida humilde e tranquila). Como sobejam, ao invés, algumas epígrafes frígidas e banais: 7.273, 466, 652, 654... Nem conseguimos admirar o reboante elogio de Homero (9.24): porque não inserir, já agora, a famigerada descrição da Anadiómene de Apeles (16.182)? O melhor Leónidas (o mais verdadeiro?) está em versos como os seguintes, que Salvatore Quasimodo verteu com extraordinária propriedade: 7.295 «Qui è il vecchissimo Teris che viveva / della facile pesca con le nasse. / Nuotava piú dello smergo, era ladro / di pesci, gettava reti, scopriva / le grotte e navigava su una barca / di pochi remi. Non l'uccise il vento / dell'equinozio di Arturo / né un'improvvisa tempesta / soffìò via le molte decine di anni: / è morto nella capanna di paglia / come un lume che si spegne da solo / dopo una lunga durata. La tomba / non fualzata dalla moglie o dai figli, / ma da tutti i compagni pescatori.» 7.472 «Infinito fu il tempo, uomo, prima / che tu venisse alla luce, e infinito / sarà quello dell'Ade. E quale parte / di vita qui ti spetta, se non quanto / un punto, o, se c'è, qualcosa piú piccola / d'un punto? Così breve la tua vita / e chiusa, e poi non solo non è lieta, / ma assai piú triste della morte odiosa. / Con una simile struttura d'ossa, / tenti di sollevarti fra le nubi / nell'aria! Tu vedi, uomo, come tutto / è vano: all'estremo del filo, già / c'è un verme sulla trama non tessuta / dalla spola. Il tuo scheletro è piú tetro / di quello di un ragno. Ma tu, che giorno / dopo giorno cerchi in te stesso, vivi / con lievi pensieri, e ricorda solo / di che paglia sei fatto.»

Esta tradução de Leónidas foi a derradeira mensagem de Quasimodo poeta: e porventura a mais desencantada.

W. S. M.

APICII — *Decem libri qui dicuntur De Re Coquinaria et excerpta a VINIDARIO conscripta*, edidit Mary Ella Milham, Teubner Verlagsgesellschaft, 1969, pp. 116.

A obra de Apício, apesar do seu carácter técnico (trata, de facto, só de culinária) tem sido objecto de numerosos estudos e edições. É no entanto esta, a de M. E. Milham, a primeira que, revendo todo o texto, se pode chamar verdadeiramente crítica. Apício, que provavelmente viveu no fim do século IV ou princípio do século V, não deu título ao seu trabalho. Os manuscritos falam apenas de *Libri decem*. Pouco depois, no século V ou VI, foram coligidos uns *excerpta* por Vinidário.

¹ A atribuição a Leónidas, duvidosa para o compilador da *Anthologia* (*Διοτίμων, οἱ δὲ Λεωνίδων*), é geralmente aceite pelos filólogos modernos.

Para um estudo mais profundo dos problemas relacionados com esta obra, M. E. Milham remete para o seu artigo *A preface to Apicius in Helicon VII* (1967) pp. 195-204. Na introdução desta edição apresenta apenas algumas características do latim tardio usado pelo Autor (pp. V-VI).

Dos códices existentes só 3 aqui são referidos. Os restantes, que dão origem a um *stemma* muito complicado, foram descritos por Milham no artigo *Toward a stemma and fortuna of Apicius in Italia Medioevale e Umanistica X* (1967) pp. 259-320.

Sendo assim, o prefácio deste volume apresenta-se deficiente, pois não dá uma visão sequer sucinta dos problemas e não nos parece que baste remeter para revistas da especialidade. Avisa-se, no entanto (p. VII), que a numeração por livros, capítulos e números, obedece apenas à sua interpretação dos dois manuscritos que serviram de base ao seu texto crítico, diferindo, por isso, de edições anteriores. Para obviar às dificuldades que daí poderiam advir, dá-se nas pp. 95-106 uma tabela comparativa da equivalência desta edição com as de Giarritano e Vollmer, com a de Schuch e com a de André. Aliás Milham fornece indicação (pp. X-XI) de todas as edições existentes, desde a *princeps*, de 1498, e até utiliza dois textos críticos que ficaram em manuscrito (em Munique e em Nova Iorque).

Para matéria de terminologia tão especializada, variada e rara, bom é ter em conta as traduções existentes (pp. XI-XII); e para a fixação do texto crítico não foram ignoradas as hipóteses apresentadas em teses e artigos de investigação (apontados nas pp. XII-XIII).

Basta ver a página do *incipit* para observar o mau estado de conservação em que se encontram os dois melhores códices, cheios de mutilações e de partes quase ilegíveis. Daí que o recurso às correcções propostas por filólogos seja tão frequente no aparato crítico. Vamos dar uma pequena amostra da dificuldade do trabalho realizado.

Observemos a p. 7. Na primeira linha os mss. têm *uas citrum*, mas lugares paralelos levaram Milham a emendar para *citrium*. Todavia, Giarritano propôs *uitreum*. De facto, na linha 4 vê-se a expressão *in uitreo uase*. Aqui os mss. apresentam fechamento da vogal com *uitrio* e divergem na morfologia: *uase* E *uaso* V. Na linha 9 foi adoptada a lição *asperges*, sugerida por Giarritano, enquanto os mss. têm *perdes* e Brandt propôs *perfundes*. Na linha 18, ao passo que os mss. têm um incompreensível *et is fongiabis* foi adoptada a emenda *spongiabis* já proposta por Humelberg numa edição de 1542.

Na p. 11, nota-se nas linhas 9-10, um grande acrescento entre < > proposto por Brandt, baseado, justamente, na repetição de uma receita. Giarritano resolvera o problema de outro modo, menos convincente, inserindo apenas um hipotético <posito>. Este problema dos acrescentos, com os quais o texto dos códices fica por vezes muito alterado, evoca outro, com significado contrário, expresso por []. Há, de facto, um bom número de palavras que certos filólogos têm considerado como glossas e, portanto, estranhas ao texto original. Vejam-se alguns exemplos nas pp. 15, 16, 21, 61, etc. Quanto a nós, as palavras entre [] só devem manter-se no texto se há probabilidade de elas serem autênticas, apesar da dúvida dos críticos. Mas quando se trata, com toda a evidência, de uma hesitação do copista, então o acrescento deve baixar para o aparato crítico, deixando limpa a página do texto. Repare-se, por exemplo, para o Livro III, cap. XX: *sphondyli [siue spondili]* (p. 15), *sphondyli [uel fundili]* (p. 21). Parece-nos evidente que as palavras acrescentadas

deviam ser consideradas como uma adicção certa e por isso deveriam desaparecer do texto pròpriamente dito, ficando no aparato com um *add.*

Na p. 56, linha 16 e p. 57, linha 15 encontra-se a palavra *petroselinum*. Os dois códices que serviram de base ao texto têm, em ambos os casos, *petrosilenem* VE. Também nós lutámos para reconstituir este vocábulo, pois encontrámos para ele, nos manuscritos, 10 formas diferentes (cf. J. G. Freire, *A versão latina por Pascásio de Dume dos Apophthegmata Patrum*, Coimbra, I vol., p. 339, linha 13). O pior é que M. E. Milham não se documenta para garantir a forma exacta...

Apesar do trabalho dos filólogos, certos passos resistem a qualquer interpretação e por isso estão, judiciosamente, assinalados com uma *crux*: pp. 18, 49, 77. Julgamos que com o mesmo sinal † devia vir marcada a palavra *addena* (p. 87, linha 5), pois lealmente se declara tratar-se de «palavra desconhecida».

Os *Apici excerpta a Vinidario* ocupam as pp. 87-94. Milham parece utilizar só um códice. Daí o recurso frequente às suposições dos intérpretes. Não vimos qualquer referência à identificação de Vinidário. Segundo o Prof. Díaz y Díaz trata-se de «un godo» (cf. M. C. Díaz y Díaz, *Antología del latín vulgar*, Madrid, 1962, p. 64).

Achamos da maior utilidade o *Index comparatiuus recentioris latinitatis* (pp. 107-116) em que estão registadas todas as palavras não abonadas antes de 14 a.C.

JOSÉ GERALDES FREIRE

JACQUES FONTAINE — *La littérature latine chrétienne*, Presses Universitaires de France, Paris, 1970, pp. 128.

A colecção «Que sais-je?» publica, sob o n.º 1379, uma Literatura latina cristã. Poderia parecer, à primeira vista, que, dado o escasso número de páginas que a série impõe aos Autores, seria difícil conseguir, de modo tão condensado, uma *História* das letras latinas cristãs. A obra foi, porém, entregue a um perito que soube conciliar o resumo (ou mesmo a omissão) de escritores secundários, com um desenvolvimento insuspeitável para as grandes figuras de Padres da Igreja. Fontaine parece escrever de um jacto, possuído como está de um conhecimento dos autores, que ressuma sempre a fruto de uma interpretação pessoal, provindo do contacto directo com as obras analisadas e não de apropriação de opiniões alheias.

Numa densa introdução (pp. 5-10) expõe o interesse que a literatura cristã despertou desde o final do século XIX nos romanistas, historiadores, filósofos e teólogos. De ciência auxiliar de outros ramos do saber, tornou-se no século XX numa disciplina autónoma, com objectivos estéticos e literários. Não vamos, porém, até ao ponto de subscrever a afirmação de J. Fontaine de que «as obras dos autores cristãos de língua latina são, em primeiro lugar, obras literárias» (p. 7). Pensamos antes que em muitos casos somos nós que nelas procuramos valores